PINGA-FOGO

■ **COTAS TAMBÉM PARA PARDOS - O senador Plínio Valério (PSDB-AM) quer incluir no projeto de lei que torna permanente o sistema de cotas raciais para o serviço público a inclusão também de uma diferenciação para pessoas pardas. O texto está em discussão na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado, e tem como relator o senador Humberto Costa (PT-PE). O projeto inicialmente previa uma prorrogação do sistema por dez anos, mas Humberto apresentou um substitutivo, que foi aprovado na CCJ por 16 votos a favor e dez contrários, por algo permanente. Plínio apresentará uma emenda em turno suplementar para tentar a inclusão de pardos. O senador pelo Amazonas afirma ser favorável à cota para negros. Mas argumenta que a lei não pode eliminar uma população que não é branca, transformando-a toda em negra.**

■ FLIPETRÓPOLIS - O Palácio de Cristal em Petrópolis recebe na próxima semana, entre 1º e 5 de maio, o I Festival Literário Internacional - Flipetrópolis. Trazendo grandes nomes da literatura nacional, o evento promete movimentar a região, com atividades gratuitas com mesas de bate-papo com escritores, apresentações culturais, sessão de autógrafos e programação infanto-juvenil. Os homenageados nesta primeira edição são as autoras Conceição Evaristo e Ana Maria Machado, e como patrono Juliano Moreira. Idealizado por Afonso Borges, o evento segue os moldes das outras feiras literárias realizadas pelo escritor e produtor, como Fliaraxá, Flitabira, Fliparacatu.

■ **TRANSPORTE - Municípios do interior do Rio compartilham da mesma lamentação sobre a ineficiência e precariedade no transporte público. Além de Petrópolis, que têm travado batalhas na Justiça e no Tribunal de Contas do Estado para a melhoria do serviço, agora, Nova Friburgo entra na fila. São frequentes os episódios de quebras e até mesmo incêndio em veículos da Nova Faol. Mesmo com tantos problemas, a empresa ainda vai operar no município por pelo menos dez anos. O contrato de concessão foi assinado no mês passado pelo prefeito Johnny Maycon.**

■ MALAFAIA DE MERITI - O senador Flávio Bolsonaro (PL) e o cacique do MDB-Rio, Washington Reis, que também é secretário de Estado de Transportes, pediram autorização ao pastor Silas Malafaia para indicar o seu primo, Jamil Malafaia, como pré-candidato a vice-prefeito em São João de Meriti na dobradinha com o PL, que terá o deputado estadual Valdecy da Saúde como cabeça de chapa na disputa pelo Executivo meritiense. Jamil Malafaia exerceu o cargo de secretário municipal de Ciência e Tecnologia de Meriti, e agora busca alçar novos voos no cenário político da cidade.

■ **IMBRÓGLIO DE VICE - O MDB é o partido de Jamil Malafaia. O pastor Silas e Washington Reis, possuem um ótimo relacionamento, e ambos enxergam com bons olhos a indicação de Jamil para o cargo de vice-prefeito do deputado Valdecy. No entanto, também pelo MDB, a vereadora Letícia Costa já anunciou que será candidata a vice-prefeita na chapa oposicionista do deputado estadual Léo Vieira (Republicanos). Nota-se claramente um racha na legenda, que precisará decidir de que lado o MDB estará no município de São João de Meriti. Uma coisa é certa: alguém ficará apenas na vontade de ser vice. E nada mais.**

■ AGIR EM BARRA MANSA - O vereador de Barra Mansa, Daniel Maciel, se filiou ao Agir para buscar seu terceiro mandato. Ele retornou à Câmara Municipal depois de ter ocupado o cargo de secretário de Desenvolvimento Econômico, Tecnologia e Inovação no governo do prefeito Rodrigo Drable. Foi na gestão de Daniel, que antes de assumir a secretaria teve o nome cogitado para uma eventual disputa para a prefeitura, que o projeto do Condomínio Industrial ganhou forma. "Demos o pontapé inicial", disse o vereador, filho do advogado Ricardo Maciel, assessor especial do vice-presidente da República, Geraldo Alckmin.

■ **ESPORTE SOB NOVO COMANDO EM BARRA DO PIRAÍ - A Secretaria de Esporte e Lazer de Barra do Piraí está sob novo comando. Interinamente, a também secretária de Comunicação, América Tereza, assume a pasta. Detalhe: Ela é de Volta Redonda, onde foi vereadora e a primeira mulher a assumir interinamente a prefeitura, por dois dias, em 2013, quando o prefeito Antonio Francisco Neto foi cassado pelo TSE. Três anos depois, Tereza veio como vice à prefeitura na chapa do Delegado Antonio Furtado e perdeu para Samuca Silva.**

MAGNAVITA

claudio.magnavita@gmail.com
@colunamagnavita

Procurador-geral de Justiça do Rio tem encontro com procurador nacional antimáfia da Itália

Fotos MPRJ

PGJ Luciano Mattos e Giovanni Melillo, procurador nacional antimáfia e antiterrorismo da Itália

Luciano Mattos, procurador-geral de Justiça do MPRJ, esteve em Roma para participar de um curso sobre combate ao crime organizado e conhecer as estratégias adotadas por lá. O PGJ esteve com Giovanni Melillo, procurador nacional antimáfia e antiterrorismo da Itália, e os dois conversaram sobre uma futura cooperação entre o MPRJ e outros MPs e a instituição italiana. Luciano Mattos também esteve com o juiz Roberto Giovanni Conti, da Scuola Superiore della Magistratura Della Repubblica Italiana (SSM).

Durante cinco dias, procuradores e promotores de justiça participaram do curso promovido pela Accademia Juris Roma, que este ano teve como tema "Combate ao Crime Organizado - Novos Paradigmas na Era da Hiperconectividade".

"Essa é uma oportunidade única e importante para o Rio de Janeiro. A ideia aqui é absorver tudo o que podemos sobre a experiência italiana no combate às organizações mafiosas para adaptar à nossa realidade", disse Luciano Mattos.

Encerramento do curso com o jurista italiano Luigi Ferrajoli e participação do promotor de Justiça Alexander Araújo de Souza, do MPRJ

Curso "Combate ao Crime Organizado - Novos Paradigmas na Era da Hiperconectividade"

Fernando Molica

São Jorge cansado de guerras

O fogo saído das bocas de dragões-fuzis posicionados no Morro dos Macacos, em Vila Isabel, serviu para lancetar a esperança de paz e harmonia cultivada, ao longo da terça-feira, por fiéis de São Jorge.

Alguns deles tinham ido encerrar o dia de festas na quadra da Unidos de Vila Isabel, pertinho do morro e, na saída, foram lembrados pelos tiros que o Rio é um território onde, a qualquer momento, armas de guerra são acionadas e promovem um caos que prejudica, principalmente, os mais pobres.

É como se o Santo Guerreiro deixasse claro que não podemos jogar nas suas costas soluções para problemas impossíveis de serem totalmente barrados por sua armadura, inimigos que resistem aos golpes de sua lança. Nem com a ajuda do parceiro Ogum é possível vencer tamanha demanda.

A batalha entre facções no Macacos e a nova e rotineira operação policial no Complexo da Maré reforçam a comprovação da falência de uma lógica de segurança pública: trata-se apenas de um processo desenvolvido para mostrar algum serviço e manter tudo do jeito que está.

Só este ano, e até o último dia 18, as polícias fluminenses comunicaram ao Ministério Público estadual a realização de 13 operações no Complexo da Maré e, especificamente, em duas de suas favelas, Nova Holanda e Parque União, alvos da ação de ontem. Desde agosto de 2020, as duas comunidades foram cenário, em conjunto ou separadamente, de 58 incursões policiais relatadas ao MP. E nada mudou por lá.

Os objetivos são os de sempre, reprimir tráfico de drogas, coibir movimentação de criminosos, impedir roubos de veículos e de cargas, controlar a guerra de gangues rivais.

A repetição dos motivos reforça o fracasso das operações anteriores, demonstra a derrota constante do poder público, que, ao longo de décadas, não se cansa de tomar goleadas dos criminosos, e pouco muda a estratégia de jogo. A principal alternativa ao enxuga gelo das incursões foi o projeto das UPPs, Unidades de Polícia Pacificadora, que naufragou pela ambição eleitoral e por falta de estrutura.

Segundo a polícia, a nova etapa da guerra no Macacos é consequência da disputa entre traficantes deste morro e os da quase vizinha Favela de São João, no Engenho Novo. Desde agosto de 2020, as duas comunidades foram, em conjunto ou separadamente, alvo de 42 operações policiais.

A obsessão, não apenas no Rio, por ações que geram principalmente pânico, mortos e feridos — inclusive de policiais —, suspensão de aulas e interrupção de serviços como o atendimento médico não pode ser apenas resultado de uma leitura equivocada da segurança pública.

Demonstra também a dificuldade de elaboração de políticas estruturantes e integradas, que sufoquem o fluxo de dinheiro das organizações criminosas e cortem boa parte da logística que permite a chegada de armas, drogas e munição às favelas. Ações como a desencadeada em fevereiro pela Polícia Civil do Rio e o Ministério Público contra a movimentação financeira de milícias têm que ser mais frequentes, precisam se transformar em norma, não em exceção.

É fundamental entender que a insistência no princípio da guerra serve apenas para aumentar a própria guerra, estimula a busca por armamento por parte de todos os envolvidos, aumenta o risco para a população, produz cenas que sabotam a atividade econômica do estado, particularmente o turismo.

Claro que é importante garantir segurança em situações especiais como o Réveillon e o show da Madonna, eventos importantes para o Rio. Mas não podemos trabalhar pra sempre com a ideia de ilhas protegidas, só haverá um mínimo de tranquilidade se houver segurança para todos os cidadãos. São Jorge há de concordar, até ele está cansado de guerra.

Vicente Loureiro*

Tendência não é destino

Atribui-se a Jean-Jacques Rousseau, um dos mais destacados filósofos do Iluminismo, a autoria dessa frase. Talvez seja um esforço de síntese para dizer que as pessoas podem mudar tudo aquilo que não gostam em suas vidas, desde que se esforcem para evitar a recorrência do que lhes parece indesejável. Fazendo prevalecer assim, os potenciais de plenitude e felicidade nos modos de fazer a vida.

E essa recomendação, dirigida a cada indivíduo, pode ser estendida à coletividade. Ainda que exija o enfrentamento de questões mais complexas e vá além das possibilidades pessoais. Significa dizer que o desenrolar de tendências presentes em uma sociedade também pode ser revertido. O arquiteto e urbanista Jayme Lerner costumava usar essa frase quando queria pôr em xeque prognósticos traçados para o futuro de determinada cidade, como se eles tivessem o poder ou o dom peremptório de estabelecer seu destino. Nem sempre sucede assim, ainda bem.

O censo de 2022, divulgado pelo IBGE e enriquecido com trabalhos preliminares de interpretação desenvolvidos pelo IPP (Instituto Pereira Passos) da prefeitura do Rio, registrou tendências de redução de população em alguns bairros da cidade, bem como apontou possíveis rotas de migração interna, experimentadas principalmente depois do levantamento censitário de 2010. Segundo o arquiteto Carlos Fernando Andrade, tal comportamento da população já se verificava desde finais do século passado. Fato este atestado em sua tese de doutorado de 2009.

Para além da cidade que apresentou crescimento demográfico negativo entre os dois últimos censos, diversos bairros da Zona Norte e da Zona Sul exibiram uma redução significativa de população no período. Boa parte deles perdendo entre 10 e 20% dos moradores. Turiaçú, no entanto, assistiu um terço de seus habitantes sumirem do bairro entre os dois censos. Em contrapartida, na Zona Oeste, destino preferencial das migrações internas verificadas, há bairros com crescimento populacional superior a 50%. O Rio caminha para o oeste e, em alguns casos, com jeito de faroeste, graças ao urbanismo miliciano.

Chama atenção neste fenômeno o desperdício de infraestrutura urbana, incluindo serviços de transporte de alta capacidade, presentes nas regiões da cidade com decréscimo de população. O Rio vem, nas últimas décadas, optando por desenvolver-se de modo extensivo ao invés de aumentar a intensidade do uso da cidade onde ela já existe e funciona, inclusive com capacidade ociosa em alguns lugares. O Plano Diretor, coitado, tem sido instrumento insuficiente para dar conta de reverter tal tendência, infelizmente, com jeito de destino.

É claro que é possível mudar o rumo desse modo de desenvolvimento urbano pouco iluminado e precarizante. Ele tem contribuído para que a cidade, nos quesitos conjunto e evolução, se apresente pior a cada censo. Percebem-se várias causas responsáveis por tal ineficiência urbanística, umas com mais peso que outras. Emerge a urgência de nos convertermos a uma espécie de profecia, já que estamos tratando de construir destino: o Rio precisa acontecer preferencialmente onde ele já existe e fez cidade. Não há alternativa, e isso não é tendência.

***Arquiteto e urbanista**